

A Cidade Contada

entre gerações

Leandro Giovede
Nelson Albuquerque Junior
Organizadores

paruna

© Leandro Giovede; Nelson Albuquerque Junior (Orgs), 2025.

Qualquer parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada de forma gratuita, por meio eletrônico, fotocópia e outros, desde que autorizada pelos autores e citada a fonte.

A Paruna segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é decisão dos autores.

Obra produzida com recursos do edital nº09/2025, da Secretaria Municipal de Cultura e do Conselho Municipal de Cultura de São Caetano do Sul.

Projeto realizado com recursos do Fundo Municipal de Cultura



G513 Giovede, Leandro; Junior, Nelson Albuquerque; A cidade contada: entre gerações / Leandro Giovede; Nelson Albuquerque Junior (Orgs). São Paulo: Paruna Editora, 2025.
78f.

ISBN: 978-65-85106-73-3

1. Educação. 2. Sociedade. 3. História. 4. Entrevista: . II. Título.

CDD: 370.193

Coordenação editorial:

Nelson Albuquerque Junior e Leandro Giovede

Projeto gráfico original:

Leandro Giovede

Edição e revisão:

Nelson Albuquerque Junior

Produção artística:

Eli Antonio Luizaga

Fotografia:

Antonio Rogério Cazzali

Capa, editoração e projeto gráfico editorial:

Candida Bitencourt Haesbaert – Paruna Editorial



Paruna Editorial

Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento

CEP: 01552-020 – São Paulo, SP

Fone: 11 97958-9312

www.paruna.com.br

A Cidade Contada

entre gerações

Leandro Giovede
Nelson Albuquerque Junior

Organizadores

paruna





"Não precisa monumento, nem rua com seu nome,
porque seu legado é o que nunca se consome."

(página 67 deste livro)

Prefácio

Pedacinhos da cidade, uma memória coletiva

Uma vez ouvi dizer que o encontro intergeracional é uma ponte entre o passado e o futuro. Nessa perspectiva, a conversa de uma pessoa experiente com uma jovem proporcionaria transmissão de conhecimento e geração de aprendizado para se vislumbrar um amanhã. Permita-me discordar – pelo menos um pouco. Porque, com este projeto A Cidade Contada, o que vimos acontecer foi uma ponte entre o presente e o presente, mais que isso, uma ponte entre pessoas.

A proposta deste trabalho foi reunir estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio, com idades entre 13 e 16 anos, ao lado de antigos moradores de São Caetano do Sul. Assim, jovens da EMEF Bartolomeu Bueno da Silva, EMEFM Oscar Niemeyer e EME Alcina Dantas Feijão entrevistaram moradores com mais de 70 anos de idade e ouviram, com toda a atenção, suas memórias relacionadas à cidade. Depois, escolheram a melhor forma para escreverem os relatos ouvidos.

A intenção é dar voz e vez a pessoas comuns com suas histórias tão especiais. Histórias que ajudam a reconstituir o imaginário cultural da nossa São Caetano e que, possivelmente, poderiam se perder no distanciar do tempo. Agora, esses pedacinhos de lembranças do século passado estão aqui perpetuados em livro, mas, ainda mais importante, estão gravados na cabeça de uma nova geração deste século que chega para fazer a sua parte no mundo.

Sim, é verdade, construímos pontes entre o passado e o futuro. Só que também vivemos, no presente, incríveis e emocionantes momentos

de descobertas, curiosidades, sorrisos, abraços e sentimento de gratidão. É, de toda forma, um fortalecimento comunitário já para o hoje.

Pessoas valorizadas, senso de pertencimento, experiências compartilhadas, valores culturais: memória coletiva. Encontros poderosos em algumas horas de conversa. Uns lembrando, outros imaginando o que se passou em sua cidade de outros tempos.

Cidade que abrigou tantos nordestinos e, com eles, cresceu imponente. Maria veio da Bahia com cinco filhos para criar sozinha, e o fez tão lindamente que sua história mereceu ser contada em versos pela neta Lorena e seu amigo Leonardo. E Adelmo, vindo de Pernambuco, venceu o preconceito com ajuda de um amigo a quem nunca conseguiu agradecer; também venceu campeonatos de futebol, mesmo sendo um zagueiro pica-pau, conforme o texto da afilhada Izabela.

Temos ainda o relato da Suzete e seu sonho de trabalhar com educação. Ela saiu do Ipiranga e conseguiu alcançar seu objetivo de forma bem peculiar em São Caetano, e nisso lá se vão 50 anos. O bom texto é assinado por Isabela.

Já as memórias da Valquíria nos trazem um pouco da cidade na época da ditadura militar, sua expressão de liberdade por meio do estilo hippie e o gosto musical, além de curiosidades da escola Alcina Dantas Feijão, onde estudou seu filho e agora estuda a neta Júlia, a autora desse relato cheio de informações interessantes.

Temos páginas dedicadas à Leonilda, mulher que veio do interior e encontrou luzes de esperança em São Caetano. Na poética prosa de Enzo e Ryan, ela revive seu passado e diz que sente falta da simplicidade das coisas.

Além de recordar as transformações da cidade, Jane fala com carinho e orgulho de sua melhor amiga da adolescência, a Suely Nogueira, que chegou a ser a vereadora mais votada de São Caetano. O texto é do Rafael.

Outra história apresentada em forma de poesia é a da Janete, assinada pela neta Rafaellie e seu amigo Gabriel. Os versos recriam as lembranças conforme seus passos seguem em direção ao altar. Toc toc: leiam.

“A juventude de Rosemari foi moldada por disciplina e respeito.” E são esses valores que ela segue passando adiante. Aliás sua família

é conhecida na cidade e chegou a doar o terreno para a construção de uma grande igreja. Descubra no texto da Maria Eduarda e do Pedro.

E uma mulher que morou em seis endereços diferentes, todos no Bairro Fundação, onde também estudou, trabalhou, namorou, casou e criou seus filhos. Essa é a história da Ivani – que até viu de perto o Conde Francisco Matarazzo – muito bem contada pela Ana Clara.

Também no Bairro Fundação começam as lembranças do Wagner. Lá ele sofreu com as enchentes, superou dificuldades e, atualmente, é um bem-sucedido empresário do município. Quem registra tudo é a Manu.

Vale destacar que todas as entrevistas foram clicadas num belo trabalho fotográfico de Antonio Rogério Cazzali. As imagens enriquecem essa obra e capturam de forma sensível o momento dos encontros entre estudantes e moradores. E tudo se materializa neste livro graças ao edital da Secretaria de Cultura e do Conselho Municipal de Cultura de São Caetano do Sul.

Agora é só saborear a leitura e reviver essa cidade contada em pedacinhos.

Nelson Albuquerque Junior

escritor e jornalista

Valquíria Amélia Marcon 10

Por Júlia Marcon

Adelmo Antunes dos Santos 17

Por Izabela Magnusson Venâncio

Ivani Regina Braidó Oliveira 22

Por Ana Clara Castilho Galbiati

Suzete Teresinha Moreno Encinas 27

Por Isabela Carraro Leonardo

Janete da Cunha Dunder 32

Por Gabriel Henrique Gallina Sabino e Rafaellie de Souza Dunder

Wagner Antonio Natale 37

Por Manu Massit

Rosemari Baraldi Galera 44

Por Maria Eduarda do Couto Cardoso e Pedro Aguiar Maurício

Maria Gilene Vitor Pereira 49

Por Leonardo Oliveira Rodrigues e Lorena Gonçalves de Morais

Leonilda Rodrigues Fratari 60

Por Enzo Nimtz Oliveira e Ryan Pereira de Souza

Jane Lamattina 65

Por Rafael Gonçalves Rota

Ensaio (making off) 69**Autoras e autores 74****Agradecimentos 76****Equipe do Projeto 77**

Valquíria Amélia Marcon

Por
Júlia Marcon



O estilo hippie, a psicologia, o Alcina: memórias de uma mulher que viveu a cidade

24 de outubro de 2025. Ela entra mais uma vez na escola em que entrou tantas e tantas vezes. A escola onde seu filho foi integrante da Banda de Fanfarra. A escola onde agora estuda a sua neta. Mas, desta vez, ela entra para dar uma entrevista e contar a sua história na sua cidade.

A escola é a tradicional EME Alcina Dantas Feijão, no Bairro Mauá. E ela é Valquíria Amélia Marcon, nascida em 26 de junho de 1954, em São Caetano do Sul, onde reside até hoje, apesar de ter saído daqui por um curto período. Morou nas cidades de Martinópolis e Indaiatuba, no interior de São Paulo, porém retornou devido o adoecimento da mãe e para buscar uma melhor educação para os filhos. Durante a infância, residiu no Bairro Prosperidade e, atualmente, mora no Bairro Mauá, junto de seu filho mais velho, Luiz, e sua neta Júlia.

Na entrevista, lembra de como era a São Caetano de antigamente, recorda do Alcina de outros tempos e conta sobre sua juventude na época da ditadura, seu estilo hippie e seus estudos nas faculdades de Psicologia e Filosofia.

Lembranças de como era a cidade

Em suas memórias, Valquíria diz que São Caetano era “uma cidade bem limpa” e com oportunidades, apesar de sempre ter tido desigualdade social. “A periferia era o bairro Prosperidade e a vila São José, próximos da avenida do Estado e dos rios Tamanduateí e dos Meninos”, lembra. “Porém as oportunidades de emprego eram maiores, devido à grande demanda para mão de obra operária oferecida pelas fábricas, principalmente a GM. Muita gente do Norte e do Sul veio para São Caetano por conta dessas indústrias, então em quinze quilômetros quadrados não havia tanto espaço e moradias”.

Recorda como sua família se mudou para o Bairro Mauá. “Aqui embaixo, as casinhas faziam parte de um programa chamado BNH, o Banco Nacional de Habitação. Eram casinhas todas iguais, sem muro, um andar só, bem pequenas. Tinha uma fila na Prefeitura para poder morar aqui, comprovar condições e outras coisas. Eu e minha mãe fomos as segundas da fila a vir morar pra cá, antes de habitem o resto da região”. Conta também que ainda não era um lugar seguro. “Era perigoso por aqui”.

E as atividades comerciais do município ainda estavam dando seus primeiros passos. “O comércio era pequeno, mais focado na rua Santa Catarina, não tinha shopping. Por conta da estação de trem, a gente ia para o Brás e outros lugares fazer compras”.

Quanto à educação, relembra da época em que a cidade tinha somente escolas estaduais, e que presenciou a inauguração de várias creches e escolas municipais, começando com a fundação da escola Alcina. “Foram criadas em cada bairro uma creche, chamava EMEI, Escola Municipal de Ensino Integrado, já funcionando nos dois períodos.”

Em relação ao transporte, hoje São Caetano conta com onze linhas de ônibus e com gratuidade (tarifa zero), mas na época das lembranças de Valquíria não era assim. “Tinha seis linhas de ônibus, um único viaduto próximo ao terminal ferroviário. Os ônibus não passavam de hora em hora; era um de manhã, um à tarde e o último que passava perto das dez horas da noite. Locomoção (transporte público) era só de ônibus e trem, não tinha metrô em São Paulo ainda naquela época. Era uma população intensa, mas o povo andava de bicicleta, de moto pela Avenida Goiás, que era uma via só. A rua Visconde de Inhaúma e as avenidas Goiás e Roberto Simonsen ligavam os bairros”.

Na parte social, conta que utilizava clubes, como o Águias de Nova Gerte, que apesar do nome fica no Bairro Mauá. E frequentava também comunidades de igreja, especificadamente a Igreja Presbiteriana do Bairro Fundação, onde participa até hoje.

Histórias no Alcina

“O bairro aqui do Alcina chamava Boqueirão, agora é Mauá. Não tinha a faculdade Mauá, era só a divisa de São Bernado com São Caetano”.

Valquíria lembra de como era a escola na época em que seu filho estudava, mostrando recordações em fotos. “Que uniforme estranho! Pareciam um monte de baratas pelas ruas”. Ela se refere ao antigo uniforme da Alcina Dantas Feijão, nas cores marrom e creme. “Era engraçado, ninguém gostava, os alunos pareciam baratas pela rua uniformizados”.

Presente na sala no dia da entrevista, o diretor atual da escola, Ailton Tenório, participou da conversa para explicar a famigerada cor escolhida para o uniforme. “Marrom é de feijão, do nome Alcina Dantas Feijão”, disse. E, apesar de contestada na época, hoje a cor provoca lembranças carinhosas e nostálgicas, como uma identidade da instituição que está prestes a completar 60 anos de existência (foi fundada em 1967).

Valquíria fala com orgulho e alegria da Banda do Alcina, que seu filho integrou e com a qual fez viagens e apresentações memoráveis. “Era muito emocionante ver nossos filhos tocando. Foram para Guarulhos, pelo interior, e quando entravam na avenida para tocar era choradeira e choradeira. O (parque) Chico Mendes, quando foi inaugurado, eles deram a volta tocando e as meninas na frente, as balizas, iam fazendo as coreografias. E em uma formatura de alunos, a Banda tocou pela primeira vez num lugar que tinha acústica, o Teatro Paulo Machado, foi lindo”.

“O Carlão (ex-coordenador da Banda) tocava num conjunto sertanejo e tirava umas músicas modernas. Ele transformava canções sertanejas em fanfarra”, lembra. “A escola dava o uniforme completo da Banda, e tinha que ser impecável, senão perdiam pontos em campeonatos. A gente arrumava lavanderia, tinha que arrumar o chapéu, porque não podia faltar penugem, cuidava bem, mas os uniformes ficavam guardados na escola pra preservar melhor”.

No meio de tantas boas memórias, Valquíria lembra das bagunças e rebuliços, mas que também se tornaram histórias para contar. “A Festa Junina do Alcina era muito legal, vinha São Caetano toda pra assistir e participar, tinha várias barracas, doces que a gente levava de casa e tudo. Mas teve um dia que um menino jogou uma bomba aí no meio da quadra. Ele subiu, não sei como o sujeito fez, subiu pela rampa e soltou

uma bomba no meio da quadrilha, com o povo dançando. Ainda bem que estavam em roda e a bomba caiu no meio. Eu fiquei surda, meu filho Carlinhos, que era pequenino, ficou surdo, a gente estava próximo da grade da quadra. Depois passou”.

E tem muitos outros causos: “Uma vez, teve uma feira de ciências que um moleque pôs fogo numa mesa, no outro dia deram suspensão pra classe inteira. Outra vez, uns alunos combinaram de não entrar na sala pra fazer uma prova; a diretora chamou os pais de todos.”

Os tempos de faculdade, ditadura e o estilo hippie

Pouco a pouco, a conversa foi tomando o rumo dos seus tempos de faculdade. Valquíria estudou Psicologia e Filosofia na UNIFEC de São Caetano, na rua Amazonas. Relata que, como eram cursos afiliados à PUC (Pontifícia Universidade Católica), havia freiras tomando conta e rituais de reza durante as aulas. Foi nessa faculdade que conheceu o pai de seu primeiro filho. E lembra do tempo em que os jovens da década de 1970 eram rebeldes, recorda da era hippie e da MPB resistente à ditadura militar.

“A faculdade dava cursos para formar professores, não psicólogos, no meu caso. Você aprendia para se tornar professor daquilo que cursou, mas eu não queria ser professora de Psicologia, eu queria ser psicóloga. Queria lidar com pessoas com transtornos mentais, alcoolismo, depressão, bipolaridade, é com isso que eu queria lidar. Mas as freiras discordavam, já que o curso não era pra isso, e pegavam muito no meu pé. Um dia fui pra aula com uma blusa de bata e uma calça boca de sino, e elas não queriam me deixar entrar. Eram bem rígidas”.

Suas roupas seguiam o estilo hippie, que foi um movimento de contracultura focado em liberdade, paz e amor. Isso num difícil período de ditadura militar no Brasil. “São Caetano até que foi tranquila nessa época, mas dava uma certa hora e não podia ter ninguém na rua. Não se podia consumir álcool ao ar livre. Teve um amigo meu que foi entregar panfleto na GM, nada de política, só que ele não sabia que estava tendo um movimento de oposição lá dentro, bem na mesma hora. A polícia estava nos portões da fábrica, viram ele chegando e o confundiram, ele apanhou feio e foi preso”.

Valquíria adorava curtir concertos de seus cantores e cantoras prediletos: Elis Regina, Raul Seixas, Rita Lee e Ney Matogrosso, entre vários outros da música popular brasileira. Citou todos os artistas de quem que tinha vinis, revistas etc. Ela gostava de ler o *Pasquim*, um jornal que expressava liberdade e resistência através da sátira no período militar. “Eu tinha alguns exemplares, emprestava e pegava emprestado dos amigos”.

Além do *Pasquim*, também era uma voraz leitora de livros, principalmente os de autores que provocavam o pensamento, como o filósofo francês Jean-Paul Sartre, um dos seus preferidos. “Maravilhoso, eu amava ler filosofia”.

Além dos estudos, leituras e shows, haviam as festas universitárias. “Poucos tinham carro, quem tinha dava carona até não caber mais gente. A gente ia nas festinhas, encontrava o povo de outros cursos, chamava pra sair, pra dar uns beijinhos, era muito legal. Numa dessas festas, um colega de classe muito doido apareceu com um cigarro de maconha enorme, ele era muito louco, usava tanta coisa que não aguentou e morreu”.

45 anos trabalhando na Prefeitura

Depois da faculdade, veio o trabalho na Prefeitura de São Caetano do Sul, onde ficou durante 45 anos. E, mesmo depois de aposentada, continuou mais um tempo em seu serviço. Valquíria relembra as velhas amizades e afirma que trabalhar nesse ambiente lhe trouxe muitos ensinamentos e aprendizados profissionais e para a vida.

Também aponta algumas diferenças da antiga Prefeitura para a atual. “Ah, hoje o povo está todo informado, todos escolarizados, tem muitos funcionários e muitos equipamentos. Antigamente a gente não tinha equipamento nenhum, o máximo era um telefone e um telefonista. Quando entrei, em 1974, a prefeitura tinha somente cento e quarenta funcionários”, diz.

E a entrevista se encerrou. Na mesma escola da banda do seu filho, dos estudos da sua neta, do uniforme marrom, da bomba, das festas, nessa mesma escola do seu bairro, Valquíria contou parte da sua linda história em São Caetano. Despediu-se e saiu sorridente, levando consigo seu passado cheio de lembranças e deixando algumas delas compartilhadas aqui.

Adelmo Antunes dos Santos

Por
Izabela Magnusson Venâncio



Obrigado, Henrique

Nascido em 1949, no dia 24 de janeiro, em Venturosa, interior de Pernambuco, Adelmo Antunes dos Santos conta sua história em São Caetano do Sul e de como era a cidade antigamente. Ele também fala de sua vida na época e dos desafios que enfrentou.

O motivo da mudança foi por melhores condições de vida. Sua família se mudou quando ele tinha 13 anos, e foi bem difícil pois, diz ele, que aqui era diferente de onde morava. “A gente não sabia como as coisas funcionavam, não sabia nem ligar o chuveiro”. A viagem também foi complicada. Foi um trajeto cansativo e que ele nunca se esquece. “Foi uma semana de ônibus, de sábado a sábado, pegamos chuva, ficamos parados, sem banho, numa cidade onde não tinha comida, só pão com mortadela”.

De início, estudou no colégio Bonifácio de Carvalho, mas perdeu o primeiro ano por conta da adaptação à cidade e à vida nova. E é uma lembrança que ficou marcada por causa da grande discriminação que sofreu por ser nordestino. A fala, a maneira de se vestir, eram diferentes, mais humilde. “Os outros já se vestiam de maneira mais fina, sabe? Com o trabalho na fábrica, então, as roupas eram lavadas e reutilizadas”.

Nada disso foi fácil, foi um período marcante. “Pensei em desistir e voltar”. Mas ele afirma ter superado, “sem mágoa nem revolta”, e seguido em frente. Contou com a ajuda de um amigo chamado Henrique, que trabalhava na Cerâmica e que o acolheu, ensinou e orientou. “Ele me deu guarida, chamava pra jogar bola, me ajudou muito”.

Durante a entrevista, ao lembrar do amigo, Adelmo não conseguiu segurar a emoção. Mesmo que tenham perdido contato, foi nítido que as lembranças boas e a amizade vieram à tona. Foi um momento de sensibilidade e de confiança, por mostrar o seu lado e se permitir relembrar os detalhes da sua história, algo de grande importância tanto pra ele quanto pra mim.

— Se encontrasse com seu amigo hoje, o que o senhor diria?

— Ah, eu ia agradecer...

E foi aí que a sua voz embargou, as palavras sumiram e as lágrimas de emoção caíram.

A partir de então sua vida se transformou. Fez amizades com a ajuda do esporte. Ele jogava bola com seus amigos, também nas escolas, como o Bonifácio Carvalho e, mais tarde, no Sagrada Família.

O período da sua adolescência foi marcado pelas idas aos cinemas, os jogos de futebol, as paqueras nas pracinhas, estudos e o trabalho. Na época não havia tantas atividades de lazer. O futebol foi uma das principais. Ele jogou no Botafogo e no São Cristóvão, com este segundo foram campeões de São Caetano em 1970.

— O senhor era um bom jogador?

— Eu era chamado de zagueiro “pica-pau”, aquele que cutucava o calcanhar dos adversários – contou rindo.

Uma boa lembrança: Adelmo fez Tiro de Guerra com Luís Pereira, o ex-zagueiro do Palmeiras. “Foi um tempo bom, ele contava histórias e jogava com a gente”. Mas também teve momentos tensos. Aos seus 19 anos, ele serviu o Tiro de Guerra na época da Ditadura Militar. “Em 1968, a segurança era prioridade, as balas passaram a ser de verdade, com ordens de abrir fogo para qualquer desavença que poderia ocorrer no local”. Diz que todos no TG ficavam muito apreensivos.

Antigamente, como lembra Adelmo, a cidade era muito industrial, com diversas siderúrgicas e grandes fábricas, como a ZF e a própria Cerâmica São Caetano, que é histórica.

Nos tempos de hoje, Adelmo é aposentado e pratica vôlei adaptado num centro de terceira idade. Ele também tem sua opinião crítica. Comenta que as melhorias poderiam ser voltadas à educação e que ainda tem escolas meio abandonadas, com falta de professores. Que a educação deveria ser valorizada ainda mais, assim como áreas da saúde, segurança e emprego, trazer de volta as indústrias que foram para a Grande São Paulo, mais conservação das ruas da cidade e promover atividades remuneradas, pois diz ele que adora trabalhar.

Seja como for, Adelmo afirma gostar demais de São Caetano, onde tem gente educada, daquelas pessoas que cumprimentam no dia a dia

ou aquelas que você sempre conhece de algum lugar. Para ele, é uma cidade sossegada e calma, um lugar que vale a pena investir uma vida.

Obrigado, Henrique, por ter acolhido e ajudado Adelmo a vencer a discriminação e, assim, fazer sua história em São Caetano do Sul.

Ivani Regina Braido Oliveira

Por
Ana Clara Castilho Galbiati



Uma vida inteira no Bairro Fundação (ou um lugar que eu não troco por nada)

Alguns dias atrás, conheci na porta da minha escola uma mulher chamada Ivani. Começamos a conversar, e ela comentou sobre como São Caetano do Sul estava evoluindo ao longo dos anos. Então engatamos um papo sobre a cidade.

Nascida em 1947 e criada aqui mesmo, ela sempre morou no Bairro Fundação, onde também estudou, trabalhou, casou e criou seus filhos. Primeiro morou na Rua Rio Branco, quando criança, depois mudou-se para a Rua 28 de Julho e em seguida para a Rua Ceará. Quando se casou, trocou de casa, mas continuou na Rua Ceará e, depois de uma enchente, mudou-se para a Rua Herculano de Freitas com o marido e os dois filhos. Atualmente, viúva, voltou a morar na Rua Rio Branco, porém pela primeira vez em apartamento.

Durante onze anos, ela trabalhou na Indústria Matarazzo, que foi um importante complexo do grupo IRFM em São Caetano do Sul, sendo conhecida pela fabricação de produtos químicos. “Quando eu entrei, tinha várias seções, eu trabalhei na meadeira, onde a gente enrolada os fios nas aspas. Depois me chamaram para trabalhar no escritório e no setor de Sistemas e Métodos.”

“Cheguei até a ver o conde (Francisco Matarazzo) visitando a fábrica. Quando ele vinha, ninguém podia sair do lugar. Os chefes não deixavam a gente nem se mexer. E tinha um rapaz que transportava cones de fios lá dentro empurrando um carrinho. Num desses dias o conde parou bem em frente ao elevador e o rapaz não conseguia passar com o carrinho. Ele cutucou as costas do conde e falou: ‘O senhor me dá licença’. Os chefes quase morreram, ficaram apavorados. E o conde simplesmente saiu de lado e deu licença”, contou Ivani, rindo do episódio.

Falando sobre a evolução da cidade, começou lembrando como eram as ruas do bairro, cobertas por barro, sem sinalização, bem como nossos familiares falam. E hoje a gente já consegue ver uma evolução muito grande, sendo uma das cidades mais tecnológicas do Brasil, com semáforos inteligentes e outras inovações, e também em questão de segurança, contando com o projeto Smart Sanca, entre outros.

E discutindo sobre essa transformação de São Caetano do Sul, chegamos à conclusão de que, independentemente dessas mudanças, a cidade não perdeu a essência de ser acolhedora. Como eu mesma falo com a minha família, São Caetano transmite uma sensação de cidade do interior, como se a gente vivesse em uma bolha, comparando com as cidades vizinhas.

Ivani me contou que, alguns anos atrás, pensou em se mudar de bairro, mas sempre que procurava outros lugares, podia até achar a casa legal, mas ao sair na rua sentia a diferença de onde estava tão acostumada. E mesmo após procurar muito por outros bairros, ela permaneceu para seu “lugar de conforto”, como nós dissemos, que é o Bairro Fundação.

Nesse lugar, ao longo dos anos, ela foi construindo sua vida, estudou na escola Senador Fláquer, que tem mais de 100 anos e continua em funcionamento, foi municipalizada e é agora uma EMEF. Ivani falou que outras gerações da família dela também estudaram na mesma escola: seus dois filhos e seu neto. Agora ela tem um bisneto de três anos, quem sabe também não será um aluno do Senador?

E vendo como essas escolas eram antigamente, eu consegui enxergar o quanto diferente São Caetano está, mas ao mesmo tempo com a mesma essência de acolhimento. São Caetano tem fama de ter uma educação muito acima da média em relação às escolas públicas de outros lugares, e é perceptível que a educação só foi evoluindo, em nenhum momento deixada de lado, pois sem educação básica, a cidade não estaria onde está hoje.

Enquanto a gente estava lá conversando, passaram uns amigos meus da escola, e nisso ela começou a falar sobre as amizades escolares. Muitos dos seus amigos ainda moram ali por perto dela, mas é inevitável que tenha perdido o contato com alguns. Mas tem uma amiga chamada Luci, que estudava desde pequena com ela e que ainda se conversam hoje em dia e, até pouco tempo, faziam tricô juntas. “A gente estava no primário e falava que seríamos professoras, e ela foi mesmo”.

Falando dessas amizades, Ivani me disse que tiraram uma foto delas no segundo ano, em 1955, e depois de um tempo essa foto apareceu no filme *Central do Brasil*, que chegou a concorrer ao Oscar. Ela reconheceu a imagem no cinema, ao bater o olho logo em uma amiga da época, a Sônia. “Me cortaram da foto, eu não apareço no filme, por isso que não ganharam o Oscar”, brincou com a situação.

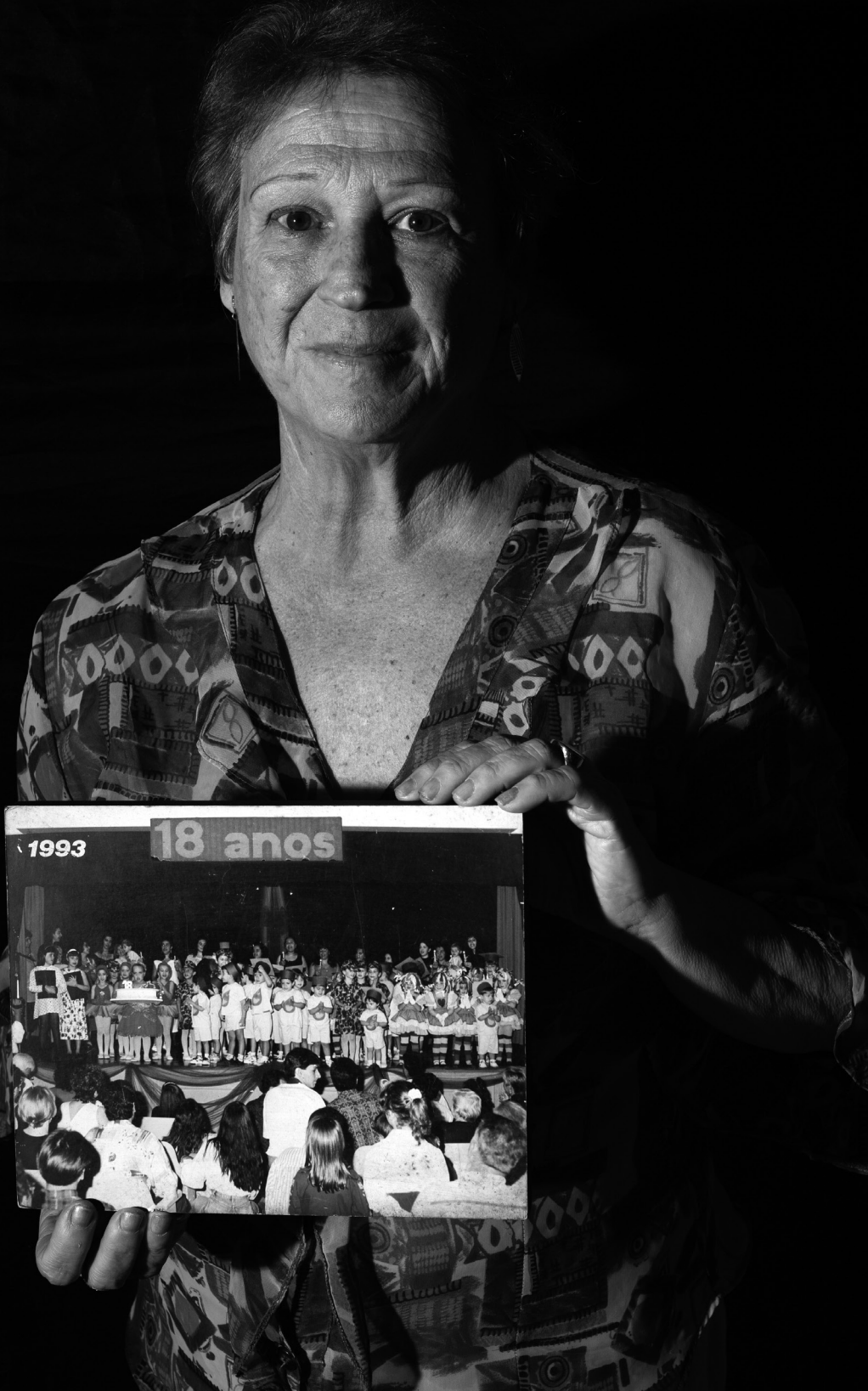
Na porta da escola, alguns meninos passaram falando de ir em um clube do Bairro Fundação, o São Caetano Esporte Clube. Ivani disse que frequentou esse clube por muitos anos, foi onde fez muitas amizades e até conheceu o seu marido Nelson, conhecido pelo apelido Titaco. Isso foi no endereço antigo do clube, na Rua Perrella, eles estavam em um baile de Carnaval quando começaram a dançar e, depois disso, não se separaram mais. Bem história de filme de romance, que a gente não acredita que existe na vida real. Eles se casaram também no Bairro Fundação, na Igreja Matriz Velha.

Eu fiquei muito curiosa pra saber como funcionava a cidade enquanto a Matarazzo ainda existia, e Ivani contou um fato interessante. Havia muitos comércios ao redor da fábrica, e eram muitas pessoas que trabalhavam lá. Então, antes de chegar o horário dos funcionários saírem do expediente, os moradores iam fazer suas compras, porque depois da saída dos trabalhadores era praticamente impossível sair de casa, pois era muita gente na rua ao mesmo tempo.

Depois dessa conversa toda, eu infelizmente tive que ir embora, mas fui sabendo que essas histórias acrescentariam muito no meu saber sobre a minha cidade e me deixariam cada vez mais apaixonada por esse lugar que eu não troco por nada.

Suzete Teresinha Moreno Encinas

Por
Isabela Carraro Leonardo



50 anos dedicados ao sonho da educação

Posso começar assim:

Era uma época muito diferente, uma semana qualquer em 1975. Eu tinha 20 anos, havia acabado de me formar em pedagogia, mas trabalhava em outra área. O dia seguia como qualquer outro, até eu ver o anúncio de uma venda de escola no *Jornal City News*, eu pirei. Ali estava uma oportunidade, mas não uma qualquer, a MINHA oportunidade. Era com certeza a minha chance, eu não podia deixar escapar.

A escola era em São Caetano, o valor coincidia certinho com meu Fundo de Garantia. Não deu outra, eu comprei a escola e, como eu morava no Ipiranga, em São Paulo, logo me mudei para cá, para ficar pertinho da escola. Quando comecei, havia apenas 23 alunos, isso não era desanimador, mas estimulante. Passei a trabalhar em melhorias, no seu desenvolvimento e, quando eu vi, a Escola Pingo de Gente, no Bairro Barcelona, já tinha mais de 100 estudantes, e não parava de crescer. Foi a segunda escola infantil particular da cidade.

Passou algum tempo e o país foi mudando economicamente, entra as décadas de 1980 e 1990, as mulheres tiveram que começar a trabalhar. Me lembro bem, a maioria nem tinha estudado, até porque, quem sustentava a casa, até então, eram os homens. Mas já não era mais uma escolha e sim uma necessidade. Muitas foram ser manicures, cabeleireiras, secretárias e muitas até se uniram para abrir lojas de artesanato, o que era moda naquele tempo.

Nós tínhamos que fazer alguma coisa para acompanhar essa mudança, então fizemos algo inovador, algo que nenhuma escola daquela região tinha até então. Com a ajuda dos próprios pais dos alunos, colocamos berços em uma sala e implementamos o período integral, assim,

os pais poderiam manter seus filhos lá enquanto trabalhavam, já que agora os dois tinham que fazer isso.

A experiência de ter a minha própria escola foi maravilhosa, um sonho realizado. Cuidei dela com todo o meu coração, mas, com o passar do tempo, vieram escolas maiores para a cidade e eu já não conseguia competir. Em 2002 a escola fechou. Voltei a dar aula e, em 2007, a Prefeitura de São Caetano me chamou para ser diretora na EMEF Laura Lopes, no Bairro Prosperidade, no momento em que ocorria a municipalização das escolas estaduais.

Quando cheguei lá, fiquei impressionada. Era um bairro periférico e havia muitas coisas diferentes, que eu não estava acostumada a ver. Por incrível que pareça, as crianças iam de charrete. Catadores de papel iam de casa em casa pegá-las e, quando chegavam na escola, amarravam o cavalo em um poste e levavam as crianças para dentro. Além disso, não tinha supermercado, bancos nem padarias. Lembro que também criavam galinhas, elas costumavam ficar soltas nas praças e até entravam na escola.

Era um bairro atrasado para a época, mas aquela era a realidade e foi uma experiência muito boa. Fiquei lá por quatro anos e, quando saí, muitas coisas já tinham evoluído, já podíamos ver padarias, bancos, supermercados e várias outras coisas. Depois disso fui diretora em mais três escolas, todas em São Caetano. Hoje sou orientadora vocacional de jovens.

Houve mudanças perceptíveis na educação daquela época para a dos tempos atuais. Além da mudança notável de conteúdos, a educação era natural, se as professoras não sabiam algo que queriam ensinar, tinham que afundar de cabeça nos livros, e a mesma coisa valia para os alunos que queriam estudar ou se aprofundar nas matérias. Entre todas as mudanças, a principal é a tecnologia, que avançou e continua avançando.

Uma coisa interessante a se destacar, é que naqueles tempos não havia regularização para abrir uma escola, qualquer pessoa que quisesse podia abrir. Isso se chamava curso livre. Com o tempo isso

foi regularizado e o processo para abrir uma escola passou a ser mais complicado.

Essas são apenas algumas lembranças como educadora desde 1975. Educação é minha paixão e, nesses 50 anos, há muitas histórias boas para contar. A cidade cresceu, evoluiu, e a educação cresceu junto. São Caetano é uma cidade rica em educação e eu, Suzete Moreno, tenho orgulho de fazer parte dela há tanto tempo. É a cidade que faz parte do meu sonho.

Janete da Cunha Dunder

Por
Gabriel Henrique Gallina Sabino
Rafaellie de Souza Dunder



*Prazer, eu sou Janete, filha de Amélia e Bráulio
Mãe de cinco filhos, viúva de João, meu parceiro de vida.
Nasci no dia 13 de junho de 1949, na cidade de São Caetano do Sul,
onde vivo até hoje.
E assim começa a minha trajetória.
Memórias cultivadas e vivenciadas com muita paz e alegria.
Altos e baixos, porém cada detalhe traz um pedacinho de quem fui, de
quem sou.
Da caminhada até aqui, com muito orgulho, lhes contarei momentos
memoráveis através deste singelo poema.*

Pedacinhos de quem fui, de quem sou

As portas se abrem
Era o dia onde me entrelaço com outra pessoa
Tudo é incerto, não sei dizer ainda se é tão bom quanto soa
E deixo com que me admirem, me venerem
Sim, esse é o grande dia

Toc toc
Primeiro passo para o altar
Toc toc
Segundo passo para o altar
Perto do padre estava minha nova devoção

Ainda assim ouço a voz do passado
Do locutor que me era tão familiar
Que me contava histórias de cunho feroz
Até que a lua viesse me visitar

Toc toc
Terceiro passo para o altar
E me atropela a memória de dançar sozinha sem um par
Num bailinho de garagem cujo breque do pandeiro
Se tornou meu único paradeiro
E de longe avistar um rapaz
Que olhava para mim de forma tão sagaz

Toc toc
Quarto passo para o altar
Palmas me acordavam todos os dias
Era Samuel Klein com sua carroça
Vendendo um bando de joça
Coitado não tinha férias

Toc toc
Quinto passo para o altar
Em uma fábrica de pasta de dente
Onde nossas risadas eram excedentes
E onde o descanso era inexistente

Toc toc
Sexto passo para o altar
Sinto o cheiro do Fusca azul
Que me carregava para o Cine Vitória

Mas quem me acompanhava é que melhorava a trajetória
Na seção faíscas eram comuns
E o cheiro da pipoca me lembra do meu primeiro beijo

Toc toc
Sétimo passo para o altar
Meus arranhões trazem de volta as risadas dos meus irmãos
Que corriam sem parar
Mas quando ouvíamos nossa mãe chamar
Voltávamos sem pensar
Quando a melhor opção no fim da tarde era descansar

Toc toc
Oitavo passo para o altar
E então tudo me embrulha
Como se todas as minhas versões passadas
Me abraçassem, pedindo para que eu não fosse
Então em um profundo suspiro
Eu encontro paz em quem era e em quem sou
E então...

Toc toc
Nono passo para o altar
Uma voz me invoca
"Senhorita Janete, aceita esse homem
como seu único e legítimo esposo?"
Paro por dez segundos
E vejo meu futuro em sua pupila
E então não me resta dúvida
"Aceito".

Wagner Antonio Natale

Por
Manu Massit



Da terra de enchentes à terra de oportunidades

A história de Wagner Antonio Natale é escrita por uma infância difícil, mas que com muito trabalho se transformou num grande exemplo de sucesso. Ele só não nasceu em São Caetano do Sul porque na época a cidade não tinha hospitais (o primeiro foi o Hospital São Caetano, inaugurado em 1954).

Sua família morava no Bairro Fundação, e Wagner nasceu em São Paulo, em 5 de março de 1950, mas sempre viveu aqui.

Uma das memórias que marca a sua infância é o problema das enchentes. A casa de Wagner, no Bairro Fundação, enchia com frequência. Ele conta que a água chegou a passar de setenta centímetros do chão, o que cobria a cama e outros móveis.

— A solidariedade era muito presente. Os vizinhos se ajudavam mutuamente nessas ocasiões – lembra ele.

As pessoas que moravam na parte mais baixa da rua tinham suas casas cheias com maior velocidade. Então quem morava na parte mais alta e os pais de Wagner corriam para ajudar a levantar os móveis dos vizinhos. E também cediam suas casas para abrigar as pessoas até a enchente baixar.

Na época, os moradores reclamavam bastante, e a Prefeitura chegou a dizer que buscaria a canalização do rio. Mas isso não aconteceu tão logo, por conta das dificuldades da cidade, conforme conta Wagner. A

solução de um vizinho foi elevar a sua casa e, no ano seguinte, essa casa não foi afetada pela enchente, enquanto outras, como a de Wagner, encheram novamente. Assim, todos os vizinhos começaram também a elevar suas casas.

— O que não durou muito tempo, pois uma obra pública levantou a altura da rua, fazendo com que todos voltassem a ter suas casas cheias.

As enchentes traziam ratos e doenças, que podiam até matar pessoas. Nesses períodos, a Prefeitura promovia a vacinação da população, e os moradores sempre avisavam e indicavam os outros para tomarem a vacina.

A família de Wagner se mudou do Bairro Fundação no ano de 1972. Ele diz que o que ficou muito marcado em sua memória desse período não foram as perdas e tristezas, mas sim a solidariedade.

— As pessoas se ajudavam sem querer nada em troca.

Gostava muito de brincar na rua com os amigos. Jogavam bola até tarde. Wagner conta que os pais ficavam sentados na porta de casa assistindo os filhos jogarem. Como eram crianças, acabava acontecendo brigas e discussões. E sobrava para os pais entrarem “em campo” para interromper as confusões. Quando algum pai não estava por perto e seu filho entrava na briga, era o pai de outro colega que fazia esse papel. Acabava com a discussão e ensinava o correto. Mais uma vez, Wagner destaca a solidariedade das pessoas, que era tão forte, e todos se consideravam uma família ampliada, uma comunidade muito unida.

Ele estudou no Grupo Escolar Senador Flaquer, entre os anos de 1955 e 1960, e lembra que tinha muitas dificuldades para aprender. Não tinha notas muito boas, porém era muito aplicado e estudioso. Com a ajuda de professores pacientes e dedicados, conseguiu aprender e se desenvolver.

— Esses professores me ajudaram muito a me tornar o que sou hoje. É graças a eles.

Seguiu adiante em seus estudos. Formou-se em Administração de Empresas, em 1972, no então IMES (Instituto Municipal de Ensino

Superior) de São Caetano do Sul, que hoje é a USCS (Universidade Municipal de São Caetano do Sul). Depois, ainda fez pós-graduação em Santo André.

Sonho do cinema e a necessidade de trabalhar

Aos 8 anos, Wagner já tinha o sonho de ir ao cinema, que era um dos principais lazeres de São Caetano na época. Mas sua família não tinha dinheiro para levá-lo. Ele até exibe uma foto em que ele, criança, está dentro de um carrinho de madeira. Foi um presente de Natal em 1952, feito pelo próprio pai, Basílio, a partir de um caixote, pois eles não tinham recursos para comprar brinquedos.

Como ele queria muito ir ao cinema, então foi atrás de conseguir dinheiro para realizar essa vontade. Primeiro, Wagner foi até a Light, que era a empresa de energia elétrica da época na cidade (hoje é a Enel). Na troca de fiação, caíam alguns pedaços de fios que não eram utilizados, então ele pegava e levava para o ferro-velho em troca de algum dinheiro. Pegava também latas, garrafas e tudo o que podia ajudar financeiramente.

Como o cinema era caro, ele não conseguiu o valor suficiente. Então Wagner pediu a ajuda de seu pai para começar a trabalhar. Assim, com 12 anos foi ser engraxate. Seu pai fez uma caixa de madeira para as pessoas apoiarem o pé. Depois de um tempo, quando o pai voltava do trabalho de trem, encontrou Wagner engraxando, passou direto e não disse nada. Quando chegou em casa, disse ao filho que não tinha nada contra o trabalho, mas não queria ver o filho ajoelhado para ganhar dinheiro. Então aconselhou Wagner a pensar em um novo jeito de trabalhar.

No fim de semana seguinte, a família foi para Itaquera visitar o primo que morava lá e trabalhava como barbeiro. Todos aproveitaram a visita para cortar o cabelo. Observando tudo, Wagner lembrou que precisava de um novo trabalho, e perguntou ao primo se ele poderia ensiná-lo a cortar cabelo. O primo ensinou, e Wagner já cortou o cabelo dos outros

quatorze familiares. Ele gostou e decidiu levar isso para São Caetano do Sul, comprou uma máquina manual do primo e, com 13 anos, começou a cortar o cabelo dos vizinhos. Enfim conseguiu o dinheiro do cinema.

Terra de oportunidades

Nos anos 1950 e 1960, só existia comércios pequenos em São Caetano do Sul, como por exemplo lojas de tecidos.

– Na época não se vendia roupas prontas. As lojas vendiam tecidos e as mães costuravam camisas, shorts e outras roupas. Era uma dificuldade vestir uma roupa.

Depois de um tempo, a Casas Bahia começava a crescer. A empresa nasceu também pequena em São Caetano, com o Samuel Klein vendendo de porta em porta até abrir uma loja de rua. Em 1970, Wagner foi trabalhar na Casas Bahia e foi lá que conheceu uma moça que chamou muito a sua atenção. Com essa mesma mulher, chamada Janete, ele se casou e continua casado até hoje, com quem tem dois filhos: Thais e Glauco.

Em 1977, Wagner Natale entrou como sócio da empresa Rebal, loja que existe desde 1971 e vende equipamentos para cozinhas industriais, profissionais e residenciais. Como trabalhava na Casas Bahia, ele só foi trabalhar efetivamente na Rebal a partir de 1988. Hoje sua empresa é grande, reconhecida e gera muitos empregos em São Caetano.

– Isso é muito gratificante para alguém que cresceu numa cidade que não tinha tantas condições e, agora, pode gerar emprego para os moradores.

Wagner, que teve uma infância marcada pela terra da enchente, fez de São Caetano uma terra de oportunidades. Tornou-se exemplo de que, com estudo e dedicação, é possível realizar sonhos e transformar a vida.

Amigo da Autonomia

Atualmente, Wagner também participa do GAMA (Grupo dos Amigos do Movimento Autonomista), que atua na preservação da memória da autonomia de São Caetano do Sul. Antes, São Caetano era uma vila de Santo André, então os impostos arrecadados aqui só beneficiavam os

moradores de lá, com obras para a saúde, asfaltamento de ruas, água e esgoto. Por aqui, havia esgoto a céu aberto, doenças e muita pobreza.

Os moradores da época então resolveram criar um movimento para conquistar a autonomia da cidade. E deu certo. São Caetano do Sul se tornou município em 1948, dois anos antes de Wagner nascer. Hoje, com outros amigos do GAMA, ele atua na preservação e valorização dessa memória tão importante para o desenvolvimento da cidade.

Rosemari Baraldi Galera

Por
Maria Eduarda do Couto Cardoso
Pedro Aguiar Maurício



Reflexos de amor e disciplina

Rosemari Baraldi Galera nasceu em São Caetano do Sul no dia 3 de julho de 1941 e, desde então, nunca deixou sua cidade natal. Aos 84 anos, ela carrega consigo não apenas a memória de uma vida inteira vivida entre os bairros Nova Gerty e Santa Paula, mas também uma história que se entrelaça com a própria construção da cidade. São Caetano não é apenas o lugar onde nasceu, é o solo onde fincou suas raízes, construiu sua família, enfrentou desafios e viveu alegrias que hoje se transformam em lembranças preciosas.

Desde a infância, Rosemari viveu sob os cuidados atentos de uma família zelosa. Ela não pôde brincar na rua como outras crianças da época. E, mais tarde, quando saía com algum pretendente ao cinema, sua mãe fazia questão de sentar ao lado dela, sempre vigilante. Embora rígida aos olhos de hoje, era uma expressão de amor e de preocupação com sua segurança e reputação.

A juventude de Rosemari foi moldada por disciplina e respeito. Ela observa com tristeza o contraste com os tempos atuais. Para ela, a juventude de hoje é “muito solta, faz o que quer, não respeita os pais e vive numa época de mão beijada”, onde tudo parece fácil. Acredita que é preciso batalhar muito para se crescer, e espera que, ao lerem este texto, os jovens reflitam sobre a importância de manter seus princípios, de não se deixarem levar por prazeres momentâneos que, embora tentadores, não constroem uma vida sólida.

Sua família tem uma ligação profunda com a história da cidade. Os avós de Rosemari contribuíram para a construção da igreja Sagrada Família, no Centro, chamada de matriz nova. Eles doaram o terreno para que a igreja pudesse ser erguida e, em reconhecimento a esse gesto generoso, São Caetano do Sul batizou uma rua com o sobrenome da família: Rua Baraldi. Exatamente em frente à praça onde fica a igreja.

Rosemari formou sua família ao lado de Thomás Idineu Galera, seu companheiro de vida. Tiveram dois filhos, que cresceram sob os mesmos valores que ela sempre prezou: respeito, união e dedicação. Ela tem um orgulho especial da filha, que se tornou uma grande professora, dedicada e trabalhadora. Sabe que sua filha a ama profundamente. Esse reconhecimento é uma das maiores alegrias de sua vida.

Uma das memórias mais afetivas que Rosemari guarda com carinho é a tradição que sua filha mantém todos os anos: a festa de aniversário. Mesmo não sendo fã de comemorações, ela sabe o quanto esse gesto é importante para a filha, que sempre diz: “Enquanto a senhora estiver aqui conosco, sempre vamos fazer a sua festa de aniversário”. Essa frase, repetida com carinho, toca o coração de Rosemari. Ela entende que é uma forma de expressarem amor e gratidão que fortalecem os laços familiares.

Ao longo da vida, Rosemari também se dedicou ao trabalho com a Terceira Idade, uma iniciativa que hoje se chama Conectando Gerações. Esse projeto foi mais do que um emprego, foi uma missão. Onde ela encontrou propósito, amizade e a chance de contribuir para que outras pessoas da sua faixa etária se sentissem valorizadas e incluídas.

Embora não tenha frequentado clubes tradicionais, Rosemari era presença constante no Baile da Saudade, um evento que reunia pessoas da sociedade de São Caetano para dançar e conversar. Bons tempos.

Aos jovens, Rosemari deixa uma mensagem que ecoa como conselho: “Vocês têm que pensar mais em vocês e na família. Cuidar de si mesmos, porque balada passa, barzinho passa e o que fica é sempre a nossa família, que é muito importante para nós. E quando eu digo família isso não quer dizer só os parentes, mas incluindo também aquelas pessoas que estão com a gente nos momentos bons e ruins, porque esses sim são nossa família.”

Seu avô, Jacob de Agostina, também é uma figura que merece destaque. Homem de valores firmes e presença marcante, ele foi uma das referências de Rosemari na infância. A memória dele, assim como a de seus pais e avós, está viva em cada gesto, em cada lembrança que ela compartilha com os filhos e com aqueles que têm a chance de ouvi-la.

Hoje, aos 84 anos, Rosemari continua sendo uma presença querida, uma voz que carrega histórias e conselhos. Sua trajetória é um convite à reflexão sobre os vínculos que criamos, os valores que cultivamos e a forma como escolhemos viver cada dia.

Rosemari Baraldi Galera não é apenas uma moradora de São Caetano do Sul, é parte da alma desse lugar. Sua história se entrelaça com a história da cidade. Que sua memória siga inspirando gerações e gerações.

Maria Gilene Vitor Pereira

Por
Leonardo Oliveira Rodrigues
Lorena Gonçalves de Moraes



Maria Gilene Vitor Pereira saiu da Bahia, sozinha com cinco filhos, e desembarcou em São Caetano do Sul.

Forte, ergueu sua vida e, assim, ajudou a erguer a cidade. Nasceu em 10 de fevereiro de 1954, chegou por aqui em 1980, viu o rio virar avenida (a Kennedy), viu a Barroca virar bairro (o Santa Maria), viu os filhos crescerem e vencerem. Hoje é avó de Alicia, Lorena, Clara, Larissa, Cauã, Ryan, Matheus e Felipe. Uma história que merece ser contada em forma de poesia.

Mulher forte da Bahia, Maria de São Caetano

Nasceu em Jaguarari, sob o céu quente da Bahia,
Maria, de alma firme, que nunca perdia a alegria.
Cresceu entre vento e poeira, com sonhos na mão,
Mas a vida lhe trouxe sombras, tristeza e solidão.

Casou cedo, cheia de fé que tudo ia melhorar,
Mas o destino às vezes fere quem só quer amar.
Teve filhos, cinco estrelas pra iluminar sua noite,
Enquanto ao lado, um homem inútil só lhe trazia açoite.

Sozinha, cansada, mas nunca deixando de lutar,
Carregou no peito a força que ninguém pode roubar.
E decidiu, com coragem que só mãe entende,
Que a vida renasce quando a gente se defende.
Em 1980, pegou as malas, o medo e a dor,
E veio pra São Caetano, em busca de um pouco de amor.

Cidade pequena, de ruas calmas e escola acolhedora,
Ali ela encontrou esperança, encontrou vida nova e protetora.

Viu rio virar avenida, e terreno baldio virar parque,
Trabalhou de dia e de noite, fez da rotina sua arte.
E quando o corpo fraquejava, quando o mundo parecia correr,
ela tomava Coca com café pra se manter de pé.
Era a coragem que nela queria renascer,
um impulso pequeno, mas que sempre lhe dava fé.

Ia e vinha sem medo, na madrugada solitária,
E cada passo dizia: “Minha força é hereditária.”

Seu filho mais velho corria livre pelas ruas da cidade,
Soltava pipa no céu azul, jogava bola com felicidade.
Nos campinhos lá embaixo da Barroca fazia sua brincadeira,
E na calçada girava peão, colecionando a vida inteira
os pequenos tesouros que só a infância sabe guardar,
lembranças simples que até hoje continuam a brilhar.

Criou filhos com suor, lágrima e coração,
Correndo de um emprego ao outro, sem nunca soltar a mão.
Ajudada por patrões e por Clarice e Seu Nelson querido,
Fez do pouco muito, fez do sofrimento um abrigo.

Hoje, Maria Gilene, mulher de fibra que não falha,
É memória viva, raiz forte, coração que nunca se espalha.
Fez parte da vida de tantos — e ainda faz, sem tropeço —
Uma heroína silenciosa, gigante... muito maior que o *subejo*.
Maria criou muita gente, botou comida pra vizinho,
Deu teto, deu colo, deu palavra, deu caminho.

Em sua casa sempre coube o mundo inteiro,
Porque seu coração é largo, baiano e verdadeiro.

E aquilo que na Bahia as freiras diziam que era pecado,
A tal da laqueadura, que "trazia mal", que era "errado",
Aqui ela fez sem medo, sem sermão e sem censura;
Cumpriu o sonho antigo, fechou o ciclo, achou a cura.

Hoje, Maria olha pra trás e diz com gratidão profunda:
"São Caetano me levantou quando o mundo afundava"
E aconselha aos jovens, com toda a sua razão:
"Estudem, fiquem aqui, tenham fé no coração."

E pede, com a doçura de quem já viveu demais:
"Que nunca mudem as escolas, nem a saúde jamais."

Maria, mulher guerreira, mãe de amor verdadeiro,
Fez da dor caminho; da luta um roteiro.
Da Bahia trouxe a raiz, daqui ganhou o chão.
E fez de São Caetano... sua eterna restauração.

E entre todas as memórias que moldam essa história,
há a do filho mais velho, guardada como glória:
um menino que chegou cedo, de alma inquieta e viva,
testemunha da mãe guerreira que jamais se rendia.

Viu a cidade antes de ser cidade, antes de virar cartão-postal,
quando os rios eram abertos, quando o barro era total.
Quando a Kennedy ainda era enchente, correnteza, lama e chão,
e a Barroca era matagal, ponte de corda e imaginação.
Pequeno, mas desperto, via São Caetano crescer,
via a vida mudar de cor sem ninguém lhe dizer

que aquilo que parecia simples — o mato, o rio, o campinho —
viraria cidade grande, avenida, parque e caminho.

Cresceu ali: na poeira, no vento, na travessura certa,
na pipa subindo o céu, na bola batendo a beira.
Caçador de alegria, corria por ruas sem medo,
fazia do bairro seu reino, do perigo um brinquedo.

O filho mais velho cresceu vendo o mundo mudar,
vendo o matagal virar escola, a praça se transformar.
Viu festa junina na rua, barraca, quentão, fogueira,
viu gente simples unida, rezando na frente da igreja.
Viu ônibus que cruzava a Goiás a madrugada inteira,
viu clubes na Kennedy, viu bola, poeira e brincadeira.
Viu a antiga Cidade das Crianças antes de virar saudade,
os bichos, o jacaré, a tartaruga, a infância em liberdade.

Mas cresceu também com a dor que menino não entende,
com a ausência de um pai que não volta, não aprende.
E quando a idade chegou, quinze anos, peito aberto,
ele viu que o homem que devia ser porto e deserto
não era nada além do vento: fraco, bruto, desamparo,
um peso injusto que a vida põe nos ombros de quem é raro.

E então, o filho mais velho, ainda jovem, mas desperto,
carregou no peito o que acreditava estar certo:
que a dor ensina, mas não molda o destino;
que ser homem é mais do que ser duro ou ser menino.
E escreveu, sem saber, o verso que um dia diria:
que força não é fugir, não é deixar a família vazia;

força é ficar, é lutar, é erguer quem está por baixo,
é ser braço, ser escudo, ser raiz, ser abraços.

E assim ele entendeu, pela vida, pelo sentir,
que a dor que sofreu nunca foi para punir,
mas para mostrar qual caminho ele iria escolher:
ser o homem que protege, não o homem que faz sofrer.

E no fundo do coração, ele sabe e reconhece:
se existe coragem nele, é porque da mãe ela desce.
Da mãe que trabalhava dia e noite, sem descanso,
que fazia do cansaço um passo, do medo um avanço.
Da mãe que com Coca e café mantinha a alma acesa,
que mostrava que ser forte não é brutalidade, é nobreza.

E ele, o mais velho, seu primeiro escudo e aprendiz,
carrega até hoje o orgulho de ter sido o que sempre quis:
não o reflexo do pai que partiu,
mas o filho da mãe que nunca caiu.

E entre os cinco caminhos que dela nasceram,
há o da filha mais nova, cujos olhos primeiro aprenderam
não o rosto do pai, que cedo desapareceu,
mas o brilho de Maria, que nunca a esqueceu.

Cresceu sem conhecer quem deveria cuidar,
mas nunca lhe faltou colo, nunca faltou lugar.
Pois quando o mundo dizia "é cedo demais pra sofrer",
Maria lhe mostrava que o amor sabe refazer.
E assim, mesmo tão pequena, sentia no peito a verdade:
que a força de sua mãe era morada, era cidade.

Que quando o medo rondava, quando algo doía no peito,
bastava chamar por Maria e tudo voltava ao eixo.

A filha mais nova aprendeu cedo o peso da vida,
trabalhou jovem, ergueu casa, costurou a própria ferida.
E ainda tão nova, descobriu o maior dos presentes:
uma menina linda, luz quente entre gentes.
Sua primeira filha chegou como o sol chega à manhã,
clareando o caminho, enchendo de vida o amanhã.

Mais tarde vieram outras duas, doces meninas,
três estrelas que ela criou com mãos femininas:
fortes, suaves, firmes, de riso e de canto,
a prova viva de que do amor nasce encanto.

E foi em São Caetano que construiu sua morada,
onde o trabalho apertava, mas a fé era dobrada.
Cada porta que batia se abria graças à coragem,
cada queda virava passo, cada luta, aprendizagem.

E sempre ali, em todos os tropeços,
em todas as conquistas, nos mundos avessos
estava Maria, a mãe que jamais soltou sua mão,
que segurou firme os laços, que deu rumo ao coração.

Porque, da filha mais nova ao filho primeiro,
Maria plantou nos cinco o mesmo tempero:
a certeza de que força não é grito, não é dureza;
é o gesto simples, a firmeza serena,
a mão que sustenta,
o peito que acalenta,

e o amor que, mesmo cansado, sempre vale a pena.

A filha mais nova cresceu sabendo que amor é raiz,
que é herança de sangue, mas também de cicatriz.
E hoje olha para trás com brilho no olhar,
sabendo que, se venceu tanto,
é porque sua mãe sempre esteve lá.

Sim, Maria foi chão, foi porto, foi o recomeço também
da filha mais nova, que aprendeu com ela a ser mulher,
a ser mãe,
a ser além.

Com o tempo, a vida seguiu seu trilho,
e Maria viu crescer cada sonho, cada filho.
Da luta diária fez seu próprio altar,
e descobriu que amar também é se reinventar.

A cidade mudou, se ergueu devagar,
mas nada mudou o seu dom de cuidar.
Entre ruas, memórias e noites sem fim,
ela moldou o destino que escolheu para si.

O filho mais velho, travesso e valente,
virou exemplo para muita gente.
A filha mais nova, envolta em ternura,
cresceu com coragem, firmeza e doçura.
Trazia no peito a força da mãe,
mesmo sem o pai, que se foi tão cedo e não voltou mais.
Mas Maria esteve lá, sempre presente,
coluna que sustenta, farol que não mente.

Trabalhou tão nova, construiu seu chão,
viu nascer a primeira filha, luz do seu coração.
Depois vieram outras duas, alegrias eternas,
e ela fez de São Caetano o lar das suas pernas.

Transformou dificuldade em sabedoria,
e cada lágrima virou poesia
mas sem precisar palavras pra provar,
porque sua vida inteira já sabia rimar.

Hoje, quando olha para tudo o que plantou,
vê frutos que nenhum vento levou.
Filhos firmes, netos sorrindo,
e um legado que segue fluindo.

Maria percebe, com calma e verdade,
que sua força moldou toda a realidade.
Onde antes havia dor e escassez,
agora existe amor multiplicado em três.

As ruas guardam seus passos,
as casas lembram seus abraços,
e quem a conheceu jamais esqueceu
da mulher que ergueu família e céu.
Ela se senta na cadeira simples, sem alarde,
e o mundo à sua volta aprende com a sua tarde.
E quando lhe perguntam o segredo da vida,
ela sorri, com alma expandida:

"É amar sem medida,
é lutar todo dia,
é manter de pé a fé que guia."

E assim Maria permanece inteira,
na história de cada herdeiro,
no coração que ela aqueceu,
na força que nunca feneceu.

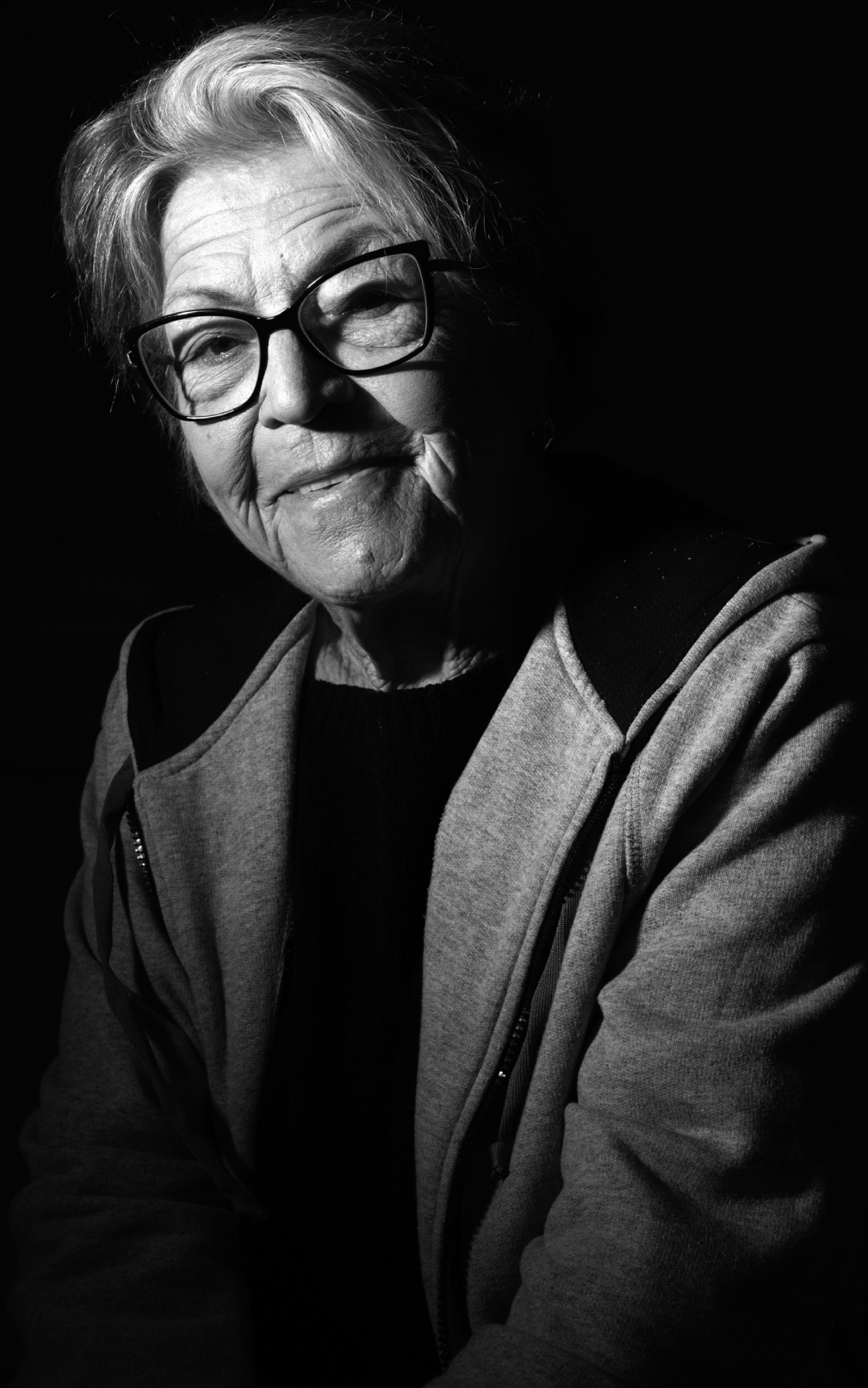
Não precisa monumento, nem rua com seu nome,
porque seu legado é o que nunca se consome.
Ele vive no gesto, no riso, na mão estendida,
nas gerações que seguem pela trilha da sua vida.

Maria não acaba, não some, não cai:
ela continua nos que vêm depois,
na família que construiu com amor e trabalho,
na coragem que ninguém desfaz.

E seu final não é despedida,
é raiz que se aprofunda,
é luz que não apaga,
é presença que ecoa,
é vida que continua.

Leonilda Rodrigues Fratari

Por
Enzo Nimtz Oliveira
Ryan Pereira de Souza



São Caetano: Luzes de esperança

Leonilda Rodrigues Fratari nasceu em 6 de setembro de 1940, na pequena cidade de Monte Alto, interior de São Paulo. Filha de uma família numerosa — treze irmãos que enchiam a casa de risadas e barulho de panelas —, cresceu cercada de simplicidade, carinho e o cheiro do café passado no coador de pano.

Desde menina, Leonilda já tinha um olhar curioso para o mundo. Gostava de observar as nuvens mudando de forma, o vento balançando as folhas e o pôr do sol tingindo o quintal de dourado. Tinha o coração leve e a alma sonhadora, como se já soubesse, desde cedo, que a vida seria feita de recomeços.

Em 1958, aos dezoito anos, Leonilda deixou Monte Alto para viver com o irmão em São Paulo. Foi ajudar a cunhada com o bebê. A Capital era um universo novo, cheio de ruídos, fábricas e luzes. Logo, ela descobriu um canto onde o coração encontrou morada: São Caetano do Sul, uma cidade que ainda nascia, feita de ruas de terra, casas baixas e vizinhos que se cumprimentavam da janela.

São Caetano, naquela época, era o retrato da esperança.

As ruas eram silenciosas ao amanhecer, o sino da igreja marcava o ritmo dos dias, e as carroças passavam devagar, vendendo frutas, verduras e sonhos. A Casas Bahia, ainda pequena, era conduzida por Samuel Klein, que empurrava uma carroça com vários produtos e seu sorriso confiante. O progresso vinha devagar.

Leonilda começou a trabalhar cedo. No interior, passou seis anos em uma fábrica de doces. O cheiro doce ficou na memória, um lembrete constante de que a vida também podia ser delicada. Quando chegou a São Caetano, conseguiu emprego na São Paulo Alpargatas, uma grande fábrica na Mooca. Lá, entre barulhos de máquinas, fios e tecidos, ela aprendeu o valor do esforço e, sem querer, encontrou o amor.

Ele era mecânico das máquinas, sempre com o avental manchado de graxa e o olhar sereno. Leonilda o chamava sempre que sua máquina “dava problema”, ainda que às vezes fosse só desculpa para vê-lo mais uma vez. Os encontros eram breves, mas com risadas e trocas de olhares. Aos poucos, o sentimento cresceu, tímido e verdadeiro.

Nos fins de semana, eles se encontravam nos cinemas de São Caetano. O Cine Lido, o Vitória e o Max eram templos do amor, lugares onde as luzes se apagavam e os corações se acendiam. Sentavam-se lado a lado, de mãos dadas. Era ali, sob as luzes tremulantes da tela, que Leonilda começava a sonhar com o futuro.

Casaram-se em 1964. Ela trocou o sobrenome, mas não sua essência. Deixou o emprego a pedido do marido, e passou a cuidar da casa. Foram morar na Rua Tenente Antônio João, onde a vida era tranquila. A mãe de Leonilda morava na descida da mesma rua.

Com o tempo, vieram as filhas, três meninas. Mônica, a mais velha, tornou-se nutricionista. Ângela, a do meio, seguiu o caminho da educação e virou professora. A caçula, animada e sonhadora, escolheu o mundo dos eventos.

Mas o tempo, sempre generoso e cruel, trouxe também a saudade. Leonilda perdeu o marido cedo demais, vítima do câncer. Foi difícil, mas ela aprendeu a conviver com a falta. O amor ficou nas fotos antigas, nas cartas amareladas, nos filmes do passado e nas lembranças dos cinemas da juventude. Ainda hoje, Leonilda diz que sente o perfume dele, e o coração parece sorrir por um instante.

Mesmo depois de tantos anos, ela não parou. Voltou a estudar, primeiro o chamado Mobral, depois a oitava série, e mais tarde, a faculdade da terceira idade. Foi uma vitória pessoal, uma prova de que nunca é tarde para aprender.

Nas aulas, lia poemas, escrevia redações e compartilhava suas histórias. Os colegas a escutavam com encanto, porque a voz dela tinha o tom sereno de quem aprendeu que a vida é feita de capítulos, e que cada um deles, mesmo os tristes, tem sua beleza.

Leonilda viu São Caetano mudar. Viu prédios subirem, lojas crescerem e o barro dar lugar ao asfalto. Viu o antigo brejo se transformar no

parque do Espaço Verde Chico Mendes, cheio de árvores, tartarugas e crianças brincando.

Lembra do tempo em que tudo era mato, dos domingos em que as famílias se reuniam para passear e do cheiro da terra molhada depois da chuva. Hoje a cidade é moderna, mas aos olhos dela continua sendo a mesma: acolhedora, bonita e viva.

Ela sente falta dos cinemas, das ruas tranquilas e das noites iluminadas por postes baixos. “Antes era tudo mais simples”, diz, com um sorriso. Mas também reconhece que a vida é feita de mudanças e que o que permanece é o que se guarda no coração.

Hoje, aos 85 anos, Leonilda caminha devagar pelas calçadas de São Caetano. Gosta de ver as vitrines, ouvir o barulho dos carros e sentir o vento no rosto. Cada esquina é uma lembrança, cada rua uma história.

A Rua Tenente Antônio João, por exemplo, ainda guarda o cheiro de pão fresco, o som das crianças e a saudade de quem ela amou. Às vezes, ela se senta na varanda e lembra tudo que viveu.

Leonilda acredita que a felicidade está nas pequenas coisas: num café, numa lembrança, numa flor. E quando alguém pergunta se ela é feliz, responde: “Fui, sou e ainda serei. Porque amar é continuar vivendo, mesmo quando o tempo insiste em passar”.

As luzes de São Caetano ainda brilham, algumas novas, outras antigas. E, entre elas, existe uma que nunca se apaga: a luz que vem dos olhos de Leonilda Rodrigues Fratari. Luz que ilumina não só as ruas da cidade, mas também a eternidade de um amor que o tempo jamais vai apagar.

Jane Lamattina

Por
Rafael Gonçalves Rota



Tantas transformações e sempre acolhedora

Jane Ida Louzada Lamattina nasceu em São Caetano do Sul, no Hospital São Caetano, em 19 de abril de 1956, e construiu sua história nas ruas, parques, cinemas, escolas e bailinhos da cidade. Durante esses anos viu várias transformações ocorrerem e, agora, perto dos 70 anos de vida, conta algumas recordações.

Sua infância foi marcada por brincadeiras comunitárias, com as crianças vizinhas, nas ruas dos bairros Santa Paula e Barcelona. “Juntava aquela meninada pra brincar de roda, passa-anel, amarelinha”, lembra. As cenas do cotidiano da cidade, na época, eram bem diferentes das de hoje. “Tinha vendedores ambulantes que passavam pelas casas oferecendo verduras, pães e leite, e o bonito som da matraca do vendedor de bijus, que eu adorava ouvir.”

Em seus tempos escolares, Jane tocava surdo na banda de fanfarra da escola Dom Benedito. Durante um desfile que comemorava a Independência do Brasil, em 1966, entregou um coração de cravos ao então prefeito da cidade, Oswaldo Samuel Massei. “Eu tinha dez anos e estava acompanhada da minha professora Maria Aparecida, do terceiro ano do primário”.

Iniciou os estudos no Externato Santo Antônio e prosseguiu na escola Dom Benedito. Mais tarde integrou a primeira turma do Ginásio Vocacional Roberto de Abreu Sodré (depois mudou de nome para Ginásio Vocacional Santa Maria), onde fez uma grande amizade com uma menina chamada Suely. “Éramos muito amigas. Eu frequentava bastante a casa dela, onde sua mãe e seu pai recebiam os alunos para reuniões. Era muito especial para mim”. Essa menina era Suely Nogueira, que posteriormente viria a ser eleita vereadora por quatro mandatos, inclusive em uma das ocasiões chegou a ser a mulher mais votada da história de São Caetano do Sul. Hoje, a amiga de infância empresta o

nome ao CISE Suely Nogueira, um centro de terceira idade no Bairro Fundação.

Na adolescência, Jane teve seus momentos de lazer e diversão. Ela recorda que encontrava alegria nas animadas festinhas na casa de amigas e amigos. As risadas se misturavam às músicas da época. “Ouvíamos muita coisa legal, lembro de Beatles, Martinho da Vila, The Mamas & the Papas e outros”.

Aos domingos gostava de ir ao Cine Vitória, no Centro da cidade. “Assistir às sessões da tarde era maravilhoso, não apenas pelos filmes, mas também pelos encontros com as amigas”. Eram tantos filmes que fica difícil lembrar, mas um que ficou na memória de Jane foi o *Ritmo de Aventura*, com o cantor Roberto Carlos.

Ir ao cinema foi uma das principais atividades de lazer de São Caetano do Sul, principalmente nos anos 1970 e 1980. A cidade chegou a ter onze cinemas de rua e era comum ver filas dando volta nos quarteirões quando tinha algum sucesso em cartaz.

Pouco antes de completar 18 anos, Jane começou a trabalhar na Prefeitura, onde continuou por doze anos como servidora. Seu primeiro emprego foi na Junta de Serviço Militar, depois trabalhou no ISS e, posteriormente, na Transpiratininga, como selecionadora de motoristas. Atualmente atua como psicóloga e naturopata.

Hoje Jane pode falar das grandes mudanças na infraestrutura da cidade que ela acompanhou com o passar do tempo. Morando em São Caetano praticamente a vida toda, ela viu a paisagem ir se modificando, sendo que uma transformação marcante para ela é a da Avenida Presidente Kennedy. “Tinha um riozinho no meio da avenida, que foi canalizado, depois ganhou ciclovias, praças e o comércio foi crescendo por toda sua extensão. Hoje tem um grande parque linear e uma passarela que une o parque com a Cidade das Crianças e o Teatro Paulo Machado. Muitas melhorias e revitalizações nos espaços públicos foram ocorrendo”, comenta.

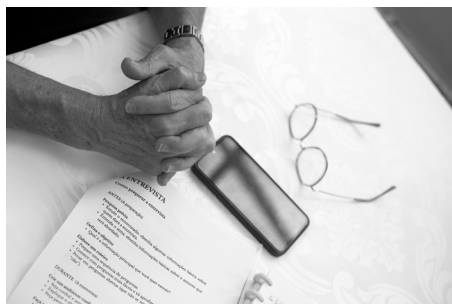
Para finalizar, ela diz como se sente aqui: “O que posso dizer é que São Caetano sempre foi uma cidade muito acolhedora”. E que a cidade continue acolhendo bons corações como o de Jane e de tantas outras pessoas que fizeram e fazem esse lugar ser tão especial.

Ensaio

(making off)

Momentos especiais dos encontros de gerações
ocorridos nas escolas EMEF Bartolomeu Bueno da
Silva, EMEFM Oscar Niemeyer e EME Alcina Dantas
Feijão, entre 25 de setembro e 24 de outubro de 2025.









Autoras e Autores



Ana Clara Castilho Galbiati

EMEFM Oscar Niemeyer



Enzo Nimtz Oliveira

EMEF Bartolomeu Bueno da Silva



Gabriel Henrique Gallina Sabino

EMEF Bartolomeu Bueno da Silva



Isabela Carraro Leonardo

EME Alcina Dantas Feijão



Izabela Magnusson Venâncio

EMEF Bartolomeu Bueno da Silva



Júlia Marcon

EME Alcina Dantas Feijão



Leonardo Oliveira Rodrigues

EME Alcina Dantas Feijão



Lorena Gonçalves de Moraes

EME Alcina Dantas Feijão



Rafael Gonçalves Rota

EMEF Bartolomeu Bueno da Silva



Manu Massit

EMEFM Oscar Niemeyer



Pedro Aguiar Maurício

EMEF Bartolomeu Bueno da Silva



Ryan Pereira de Souza

EMEF Bartolomeu Bueno da Silva



Maria Eduarda do Couto Cardoso

EMEF Bartolomeu Bueno da Silva



Rafaellie de Souza Dunder

EMEF Bartolomeu Bueno da Silva

Agradecimentos

Este livro nasceu graças à colaboração de muitas pessoas que entenderam e abraçaram o projeto com muito carinho.

Além de agradecer aos autores e autoras, seus pais e responsáveis, e a todos os entrevistados e entrevistadas que compartilharam suas histórias, gostaríamos de registrar nossa gratidão a:

Ailton Tenório (EME Alcina Dantas Feijão – diretor).

Edgar Casado (EMEFM Oscar Niemeyer – diretor).

Maria Fátima Fernandes (EME Alcina Dantas Feijão – professora e coordenadora da área de Ciências Humanas e Sociais).

Juliana Lopes dos Santos (EME Alcina Dantas Feijão – professora e coordenadora de projetos).

Naira Nimtz (EMEF Bartolomeu Bueno da Silva – vice-diretora).

Rafaela Martins Belo (EMEF Bartolomeu Bueno da Silva – diretora).

Silvana de Santis (Cecape – professora formadora).

Suzete Moreno (entrevistada e colaboradora na organização).

A toda equipe da Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul e ao Conselho Municipal de Cultura de São Caetano do Sul.

Equipe do projeto

Leandro Giovede – Produtor Editorial

Produtor editorial independente. Pós-graduado lato sensu em MBA Empresarial – Administração e Gestão, bacharel em Produção Editorial – Comunicação Social, especialista em transformar ideias em livros impressos e digitais. Atua em todas as etapas da produção editorial, do planejamento ao registro da obra. Criador de curso sobre publicação tradicional e independente, compartilha experiências práticas que ensinam autores a publicar seu livro.



Nelson Albuquerque Junior – Editor

Escritor e jornalista. Pós-graduado em Língua e Literatura, é autor dos romances *O Resto de Raen* (2021) e *Mestre Mikan e a aldeia desaparecida* (2025). É instrutor de oficinas de escrita criativa e literária desde 2014 e cocriador dos projetos independentes Laboratório de Jovens Escritores e Fazer Criativo. Tem na literatura o seu lugar mágico de verdadeiro encontro com o mundo e com as pessoas.



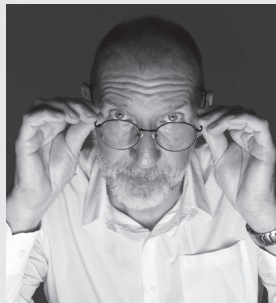
Eli Antonio Luizaga – Produtora Artística

Produtora artística, autora e contadora de histórias. Atua na criação, posicionamento e lançamento de projetos editoriais, com foco em marketing cultural e narrativas que atravessam gerações. Artista de cena e voz, une experiência criativa e visão estratégica ao empreendedorismo feminino, atuando também como mentora e docente de mulheres empreendedoras no desenvolvimento de projetos autorais com identidade, propósito e impacto.



Antonio Rogério Cazzali – Fotógrafo

Nasceu em 4 de dezembro de 1963, em Santo André. É jornalista, mestre em Comunicação e professor universitário. Escreve poemas e fotografa desde garoto. É casado com Ana Cazzali, tem um filho, Conrado, e um cachorro caramelo chamado Romeu. Encontra em sua escrita uma maneira de debochar das burocracias emocionais impostas pela vida, e faz de sua fotografia um jeito de recriar o mundo.



Um poderoso encontro de gerações
originou esta coletânea.

É resultado de entrevistas que jovens
estudantes fizeram com antigos moradores
de São Caetano do Sul.

Histórias marcantes que compõem
uma cidade viva dentro das pessoas.

Conheça "A Cidade Contada".

Projeto realizado com recursos do Fundo Municipal de Cultura

